

Relato de experiência no IFPR - Ação/ projeto vinculado ao Cope

# Leituras de Carolina: relatos de um projeto em tempos de pandemia

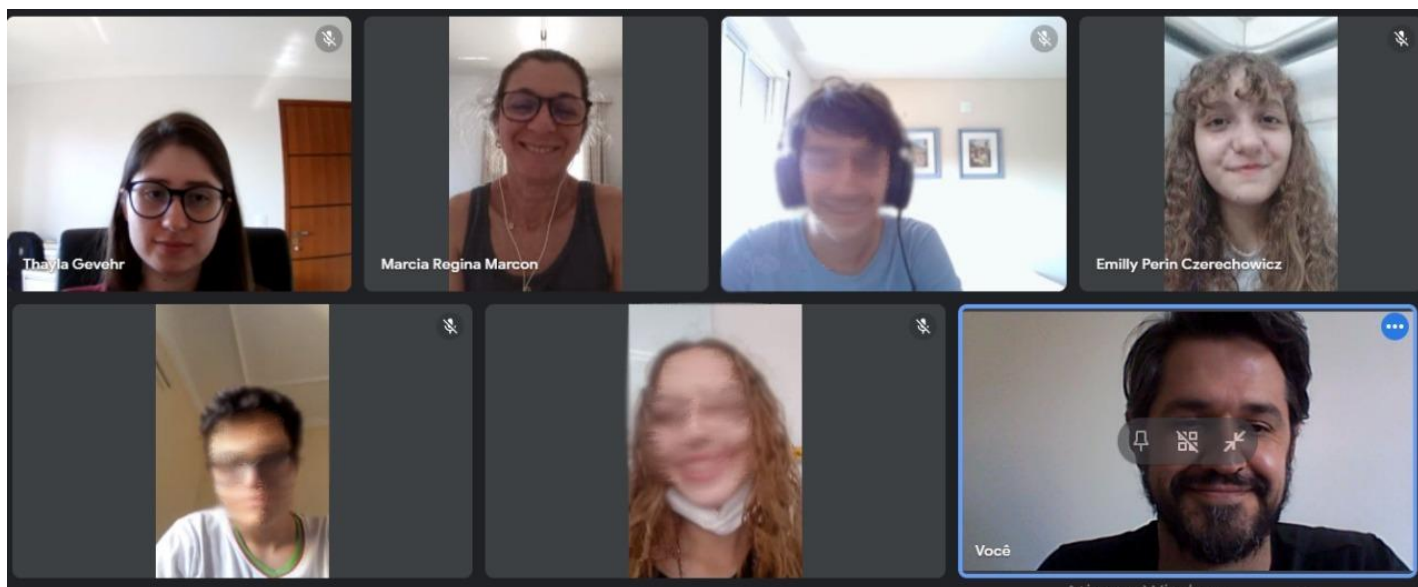
**Palavras-chave:** Extensão. Leitura. Favela. Mulher.

**Thiago Leibante**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - *Campus* Cascavel  
<https://orcid.org/0000-0002-6225-2604>

**Thayla Gevehr**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
<https://orcid.org/0000-0003-3281-7552>



Captura de tela do encontro online com os participantes pela Plataforma Google Meet. Crédito: Thiago Leibante

## INTRODUÇÃO

No contexto da pandemia da Covid-19, muitos docentes e alunos se viram em dúvida acerca de que forma poderiam dar prosseguimento às suas atividades de ensino, pesquisa e extensão sem poderem estar presentes no *Campus*, por meio das chamadas atividades remotas. Em nosso caso, não foi diferente.

Já algum tempo havia o desejo de realizar um projeto de leitura e discussão da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, da escritora Carolina Maria de Jesus. Contudo, não sabíamos ainda de que forma realizar essa ação, se faríamos na modalidade de pesquisa ou extensão, como se dariam os encontros, dentre outros questionamentos.

Em virtude da necessidade do isolamento social, a leitura da obra de Carolina pareceu-nos uma ótima oportunidade de conseguirmos realizar uma atividade de extensão de maneira remota e ainda assim extremamente produtiva. À época, os coordenadores então escreveram e

submeteram a proposta e passaram à divulgação do projeto via redes sociais e também pelo site do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) *Campus* Cascavel, já que, como atividade de extensão, o interesse era contemplar não só o corpo discente, mas também a comunidade externa que se interessasse.

Para nossa satisfação, inscreveram-se alguns discentes do ensino médio e também pessoas da comunidade externa, naquele momento somando aproximadamente 10 (dez) pessoas. Após um primeiro encontro de apresentação, acertamos entre os participantes que faríamos encontros semanais às sextas-feiras na parte da tarde via plataforma *Google Meet* e que iríamos fazer a leitura completa da obra, e não apenas de alguns trechos. Dentre os participantes, havia desde pessoas que já tinham tido algum contato com a obra e outros que estavam pela primeira vez tendo contato com a autora Carolina de Jesus e seu “Quarto de despejo”.



## OBJETIVOS

Desde o primeiro momento, nossa ideia era extrair o máximo possível da obra, a partir das impressões e opiniões de cada participante, o que possibilitaria uma leitura mais rica e plural de uma obra tão forte e impactante, como é “Quarto de despejo”.

Além disso, era fundamental que pudéssemos no debate abordar três aspectos essenciais da condição de Carolina enquanto mulher negra e empobrecida: os fatores gênero, classe e raça. É impossível discutir “Quarto de despejo” sem entrar nesses aspectos. Ademais, haviam outras condicionantes que deviam ser levadas em consideração: 1) o subemprego de Carolina como catadora de materiais recicláveis; 2) a condição de moradora de favela; 3) sua trajetória como mãe solo, como única provedora de seu lar. Esses aspectos acabam por reforçar a condição de precariedade, miséria e exploração a qual estava submetida Carolina e seus três filhos pequenos.

Nosso objetivo sempre foi, desde o início, não só ler e analisar “Quarto de despejo” como um retrato de sua época através dos olhos de Carolina, mas também estabelecer comparações com a sociedade brasileira de hoje, ou seja, o que mudou e o que permaneceu na condição do brasileiro que luta para garantir seu sustento e de sua família em um contexto de elevada desigualdade social. Será que estamos atualmente em um mundo tão distante daquele vivido por Carolina?

Assim, notícias sobre o Brasil de hoje são recorrentes nos nossos debates, tais como os casos de racismo e preconceito, o preço dos alimentos e custo de vida da população brasileira, a falta de infra-estrutura básica para os moradores das periferias, o estigma que existe em torno do habitante da favela, o uso político da pobreza tal como acontece nas comunidades, dentre outros. Tais temas estão presentes em nossas discussões e não poderia ser diferente em se tratando da leitura em questão.

A participação discente foi fundamental e marcada pela responsabilidade e comprometimento com o projeto. Foram os alunos que fizeram a maior parte das leituras e questionamentos, que trouxeram a relação da obra com os conteúdos de sala de aula, fato esse que proporcionou um visível crescimento intelectual desses alunos, constatado na forma como colocaram suas dúvidas, opiniões e argumentações ao longo do projeto.

Essa ação de extensão nunca teve com objetivo “apenas” ler “Quarto de despejo”: o entendimento sempre foi o de que a riqueza da obra está justamente em funcionar como ponte para pensar as mazelas e cicatrizes históricas e estruturais da sociedade brasileira, males esses duramente vivenciados na pele por Carolina e sua prole.

## METODOLOGIA

Os encontros do projeto aconteceram semanalmente com a duração aproximada de uma hora e meia, sempre de forma remota pela plataforma *Google*

*Meet*, em virtude da necessidade do distanciamento social. Dentre o público-alvo, tivemos uma média de 10 participantes, contando alunos, comunidade externa e docentes.

Como o objetivo foi a leitura e investigação conjunta, todos os participantes ficaram responsáveis pela leitura dos dias que seriam discutidos, sendo que fazíamos um revezamento das leituras conforme o diário de Carolina. O projeto de extensão “Leituras de Carolina” se dirigiu àqueles que tivessem disposição e interesse para ler uma obra incômoda e, assim, contribuir com a leitura e com a investigação conjunta de “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Tratou-se de uma proposta que prezou pela contribuição coletiva, vale frisar.

Como a área temática do projeto volta-se aos Direitos Humanos e a Justiça, e sua linha de extensão se centra nos Direitos individuais e coletivos, a preocupação inicial foi a de marcar a literatura como um direito, baseada na tese de que o indispensável para um ser humano o é para todos (CANDIDO, 2004). Porém, quando o assunto são os direitos humanos, quando o indispensável se apresenta, as primeiras ideias ou as primeiras defesas são de que os elementos que garantem a sobrevivência estão acima de quaisquer outros (alimentação, vestimenta, habitação). Por um lado, não há como rivalizar com essa tese. Por outro lado, Carolina Maria de Jesus, a despeito de qualquer teoria e defesa, apresenta a sua vida, em diário, e diz, para quem quiser ouvi-la, que literatura é um direito que não se nega ao empobrecido, que a literatura salva, quando tudo o mais falta; aliás, quando até mesmo, e, principalmente, o mais básico falta.

Assim, entre os temas da sobrevivência e da literatura, o projeto, por meio de “Quarto de Despejo”, sustenta-se sob a defesa da vida completa, plena e digna, pela qual a autora lutou diariamente, pela qual ainda hoje lutamos. Por isso, em cada encontro, além de discutirmos e articularmos os problemas sociais retratados por Carolina Maria de Jesus (a fome, a violência, o desemprego, o preconceito, etc.), os reflexos desses problemas e as semelhanças deles com os dias atuais, também refletimos sobre como o desejo genuíno que a autora tinha de fazer literatura contornou a sua história, garantindo não só a esperança de um futuro melhor, mas a permanência na vida.

Da leitura da obra, os aspectos históricos, sociais e filosóficos foram sendo destacados e investigados, os trechos que causavam estranheza discutidos com mais profundidade; também foram pauta de diálogo aqueles aspectos que chamaram a atenção por seu teor poético, por gerar compaixão ou mesmo por ser indigesto. A riqueza da obra de Carolina ainda permite relações entre filmes, músicas e poesias, ou seja, é uma obra completa, porque abre horizonte de relações, de aprofundamento, de reflexão sobre o sentido da vida, ao mesmo tempo em que convoca a resistência, em que humaniza.



## RESULTADOS

O projeto “Leituras de Carolina” se sustentou a partir do compromisso de todos os participantes em se deixar convocar pela realidade de Carolina Maria de Jesus e de não deixar esmorecer o desejo de ler uma obra que se justifica por si mesma, que é atual, que deve ser lida, que mudou e ainda muda as bases do que se concebe por literatura brasileira. Como bem destacam Nascimento e Araújo (2019, s/p).

(...) a figura de Carolina Maria de Jesus traz à tona questões de representatividade na literatura brasileira, uma vez que dispõe da máxima que subverte de forma explícita o cenário habitual de dominância e protagonismo masculino na literatura. Há, na obra e vida da autora, uma relação dialógica capaz de integrar peculiaridades evidentes e rotineirismos comuns provenientes de um mesmo ponto de partida, cuja marca sobressalente expressa a máxima do lugar de fala como pressuposto à quebra de paradigmas nada obsequiosos à construção de uma literatura que de fato possa ser predicada pelo termo “brasileira”. Dessa forma, põe-se a figura de uma mulher negra, residente em favela – aspecto tipicamente brasileiro, diante da discrepância socioeconômica proveniente de uma história social de isonomia ínfima – em concomitância à sociedade elitista, misógina e racista, como modelo das evidências do que pode a literatura em vias de resistência e protagonismo.

“Quarto de despejo”, como um importante meio de conscientização a respeito de situações em que os direitos são negados, coloca em jogo a noção de pertencimento, isto é, expõe, questiona, resiste e abre caminho em meio ao conflito existente entre a imagem dos que podem fazer e ler literatura e aqueles que adentram num território que não parece lhes pertencer.

Todavia, mesmo diante da falta de espaço, Carolina escreveu, e, porque escreveu, hoje tantas outras mulheres negras também o fazem, também conquistam seu lugar na literatura.

Além de a autora quebrar paradigmas literários, mostrar que a fome de literatura é tão grande quanto a fome de pão, questiona o lugar do negro, as condições e situações a que são submetidos. Dentre as inúmeras passagens que poderiam ser citadas, há uma em que ela diz: “que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes” (JESUS, 2014, p.27).

Muitas vezes com humor, ironia e lamentos, Carolina deixa ver que a liberdade e a paz do negro não foram conquistadas com a abolição da escravatura, ainda que ela mesma pareça comemorar: “Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a liberdade dos escravos” (JESUS, 2014, p.27). Essa comemoração segue-se da consideração de que há problemas estruturais tão agudos que não encerram a situação de servidão, uma vez que a escravidão atual não era “só” a fome, mas, sobretudo, a negação de lugar: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo. Eles respondiam-me: É uma pena você ser preta!” (JESUS, 2014, p.58).

Diante das inúmeras discussões, diante do poder de resistência, da humanização e conscientização promovidas por “Quarto de Despejo”, os participantes do grupo não apenas conheceram Carolina Maria de Jesus, também apresentaram essa autora no evento VI Seminário de Pesquisa, Extensão e Inovação (SEPEI) do IFPR *Campus* Coronel Vivida. Como resultado, ainda, duas integrantes do grupo escreveram um artigo em que a autora foi apresentada como uma escritora versátil, como possuidora de uma voz que não pode ser desautorizada.

Certos de que as produções acima são pequenas perto do que a obra gera em que a lê, confiamos nos resultados que não podem ser contabilizados, confiamos na literatura de Carolina como aquela que humaniza.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. Em: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

JESUS, Carolina M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva; ARAÚJO, Danielle Reis. “Por que ler Carolina Maria de Jesus: ecos da escrita de si como resistência e protagonismo feminino na literatura brasileira”. Em: **Revista Educação Pública**, v.19, ed.19, set. de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/edicoes/19/19>. Acesso em 19/06/2022.